

Carta do editor

LARVAS OU BORBOLETAS?

À medida que fui preparando os textos para esta edição de *Linguagem & Ensino*, fui me dando conta de que perpassa os textos uma dialética de conflitos propícios ao debate. De um lado a aparente força da inércia, querendo que as coisas permaneçam como estão; do outro, a aparente insatisfação com as coisas que precisam mudar. Evoluímos para garantir nossa existência como seres humanos? Ou estagnamos e negamos a essência de nossa natureza?

Por isso muitas perguntas na apresentação dos textos. Foram as inquietações que me surgiram quando os reli. Mudamos só para seguir o que achamos que está na moda, trocando os termos mas permanecendo com as mesmas crenças, ou teremos a coragem de realmente revisar nossas posições? Vamos esperar sempre que as coisas e as pessoas se adaptem as nossas preferências ou vamos tentar mudar nós mesmos para interagir melhor com o mundo que nos cerca? Vamos continuar larvas para sempre ou vamos virar borboletas?

NESTA EDIÇÃO

As pesquisas

O trabalho de Daniela Nogueira de Moraes Garcia, *Os Diários Dialogados Eletrônicos no Ensino de Língua Estrangeira: A prática da escrita conectada a um ensino comunicativo para promover interação real*, investiga a produção escrita em ambiente virtual. A autora, depois de um levantamento bastante detalhado de estudos sobre os diários dialogados eletrônicos, coletou dados de seus alunos em duas etapas, a primeira com temas pré-definidos e a segunda de forma mais livre. A pesquisa leva a dois resultados que me pareceram importantes e que eu gostaria de destacar aqui. O primeiro é que o ambiente virtual oferece condições de uso mais autêntico da língua; estranhamente o que é virtual acaba sendo mais real. O outro resultado é que o virtual acaba oferecendo insumo para a sala de aula. Deixo assim uma pergunta para os leitores: o que veio primeiro, o virtual ou o real? Ou tudo é virtual?

Como se constrói a compreensão de um texto? Qual é o papel dos dados provenientes do texto? Qual é o papel do conhecimento de mundo do leitor? Como leitor e texto interagem finalmente para chegar a uma interpretação? Isso é, a meu ver, a análise que Darcília Simões e Vânia Lúcia R. Dutra, fazem de um texto de Luís Fernando Veríssimo em *A iconicidade, a leitura e o projeto do texto*. Para isso partem da teoria da iconicidade e dos espaços mentais. O trabalho pode contribuir não só para a interpretação mas também para a produção do texto.

O que é mais forte, o livro didático ou o professor? É possível colocar os dois numa hierarquia ou ambos são apenas parte de um contexto? Foram as perguntas que me

surgiram ao ler o texto de Raquel Carolina Souza Ferraz D'Ely e Mailce Borges Mota, *A teoria, o livro didático e o professor: uma análise da implementação de tarefas orais em LE*, onde as autoras investigam a oralidade na sala de aula de língua inglesa, considerando os aspectos teóricos, o professor e o livro-texto. Em termos do professor, a oralidade ocorre em quatro momentos: (1) Explicações da Professora, que levam à compreensão de novos itens gramaticais e à negociação de significado entre professora e alunos e também aluno-aluno; (2) Interação Aluno-Aluno, inicialmente motivada por uma prática controlada, mas que pode levar os alunos a um processo cooperativo quando negociam significado e compartilham suas visões sobre um assunto pessoal; (3) Questionamento, que leva os alunos a respostas pré-planejadas com feedback imediato; e (4) Apresentações Oraís, em que cada aluno realiza uma apresentação oral. A conclusão é de que a prática da professora é guiada pelo livro didático, embora suas crenças também possam interferir.

Será que ainda tem professor que acredita que uma variante da língua possa ser mais sonora, mais pura ou mais bonita que outra? É o que Valesca Brasil Irala, em *A opção da variedade de Espanhol por professores em serviço e pré-serviço*, responde ao investigar as percepções dos professores de espanhol no Rio Grande do Sul sobre a variante da língua a ser ensinada aos alunos. Os dados, coletados através de um questionário, mostraram que os professores e futuros professores, preferiam o espanhol da Espanha. As implicações são debatidas pela autora, sugerindo que a opção por uma ou outra variante seja feita de forma mais criteriosa.

Quando somos didáticos? Quando distorcemos a complexidade das coisas e damos ao aluno uma visão

aparentemente clara ou quando “sujamos as mãos” e mostramos as coisas como elas realmente são? Foi o que me veio à mente quando li o texto *Construções para + infinitivo: um motivo para repensar o ensino da gramática* de Vanda Cardozo de Menezes. A autora investiga o uso de “para” seguido de infinitivo dentro de uma perspectiva de uso autêntico da língua. Usando dados da língua oral culta (820 ocorrências) e da língua escrita (330 crônicas de estilo informal), a autora demonstra que “uma concepção de organização das categorias gramaticais em escalas e protótipos parece ser bastante adequada à descrição gramatical, com possibilidades de posterior aplicação ao ensino”, ainda que sem oferecer classificações nítidas e definições didáticas, como podem esperar alguns alunos. A autora sugere em sua conclusão que aquilo que se perde em termos de precisão ganha-se em termos de autenticidade de uso da língua.

O que ensinar e como ensinar para melhorar a produção textual dos alunos? É o que tentam responder Vanilda Salton Köche, Cinara Ferreira Pavani e Odete Maria Benetti Boff, em *O processo da reescrita na disciplina de língua portuguesa instrumental*. As autoras investigaram a produção de um texto dissertativo através de sucessivas reescritas durante um semestre. Os resultados mostraram que os alunos melhoraram em vários aspectos, tanto em termos de coesão, como no uso de conectores, além de apresentar também textos mais coerentes no nível da argumentação. A conclusão das autoras é de que o trabalho pedagógico do professor, através da reescrita orientada, pode ser extremamente benéfico para o aluno.

Ensaaios

Qual é a força do verbo na frase? Até que ponto ele é capaz de decidir quais são os argumentos de que ele precisa? E se a station wagon baixar o banco? E se o Pinóquio crescer o nariz? Foi com essas perguntas em mente que li o texto de Herbert Andreas Welker, *A valência verbal em três dicionários brasileiros*, onde o autor faz uma revisão de um tópico pouco pesquisado em Linguística: a valência verbal, definida como o “conjunto de relações estabelecidas entre o verbo e seus argumentos ou constituintes indispensáveis”. A idéia é de que na medida em que for possível determinar os argumentos de um verbo (sujeito, objeto etc.) pode-se fazer a análise sintática da frase, estabelecendo seus constituintes e suas fronteiras. Acredito que o tópico é de interesse, não só para o ensino da língua, mas também para a Linguística Computacional, onde poderá contribuir para os estudos do processamento automático da língua.

Como fica o leitor diante do texto informatizado quando apresentado em forma de hipertexto? Deve adaptar-se às novas exigências impostas pela virtualidade ou deve esperar que a virtualidade se adapte aos seus esquemas? Esse é o tópico abordado por Ingrid Fontanini em *Reading theories and some implications for the processing of linear texts and hypertexts*. A autora conclui que só com mais pesquisas poderemos saber a resposta. Eu gostaria de provocar afirmando que se o leitor espera que a máquina se adapte a ele... pode ficar esperando. Quando criamos um instrumento mudamos o mundo, mas por outro lado o instrumento também nos muda. Quando aprendemos a ler, por exemplo, mudamos internamente porque mudamos na nossa maneira de se relacionar com o mundo.

Resenhas e seção livre

Na seção livre da revista, apresentamos seleção de resenhas de livros publicados em 2003 e uma nota do Prof. Pedro Garcez sobre o programa de ensino plurilíngüe na cidade de Buenos Aires.

A handwritten signature in black ink, reading "Wilson J. Leffa". The signature is written in a cursive, flowing style.

Vilson J. Leffa
Editor